

1.
O presente da Befana

Cara Sandra,

Perguntaste-me, durante o último agradável encontro contigo e com o teu marido, o que tenciono fazer para promover *Um Estranho Amor* (tenho de me habituar a tratar o livro pelo seu título definitivo). Fizeste a pergunta de maneira irónica, acompanhando-a de um dos teus olhares vivos de divertimento. Naquele momento não tive coragem de te responder, parecia-me que já fora bastante clara com o Sandro, ele dissera que estava plenamente de acordo com as minhas decisões, esperava que não se voltasse a falar no assunto, nem mesmo a brincar. Respondo-te agora por escrito, a escrita anula-me as longas pausas, as incertezas, a transigência.

Não tenciono fazer nada em relação a *Um Estranho Amor*, nada que implique o compromisso público da minha pessoa. Já fiz o suficiente por essa longa história: escrevi-a; se o livro valer alguma coisa, isso deverá bastar. Não participarei em debates e conferências, se me convidarem. Não irei receber prémios, se mos quiserem dar. Nunca promoverei o livro, sobretudo na televisão, nem em Itália nem eventualmente no estrangeiro. Só intervirei por escrito, mas procurarei limitar também isso ao mínimo indispensável. Nesse aspeto, comprometi-me firmemente comigo mesma e com a minha família. Espero não ser obrigada a mudar de ideias. Compreendo que isso pode causar algumas dificuldades à editora. Tenho muito apreço pelo vosso trabalho, afeiçoei-me imediatamente a vós, não

quero causar-vos prejuízos. Se não estiverem dispostos a aceitar as minhas condições, digam-no já, eu compreenderei. Não é de todo necessário que eu publique este livro.

É difícil para mim expor todos os motivos desta minha decisão, como sabes. Quero apenas confidenciar-te que se trata de uma pequena aposta comigo mesma, com as minhas convicções. Eu acredito que os livros não precisam dos seus autores para nada, depois de escritos. Se tiverem alguma coisa para contar, mais cedo ou mais tarde encontrarão leitores; se não, não. Existem muitos exemplos disso. Gosto muito daqueles livros misteriosos, de tempos antigos e modernos, que não têm um autor certo mas que tiveram e têm uma intensa vida própria. Parecem-me uma espécie de prodígio noturno, como quando, em pequena, esperava os presentes da Befana, ia para a cama muito agitada, e de manhã acordava e lá estavam os presentes, mas a Befana, ninguém a tinha visto. Os verdadeiros milagres são aqueles que ninguém chegará a saber quem os fez, quer sejam os pequenos milagres dos espíritos secretos da casa, ou os grandes milagres que nos deixam realmente de boca aberta. Ficou-me este desejo infantil de maravilhas, pequenas ou grandes, ainda acredito nelas.

Por isso, cara Sandra, digo-te francamente: se *Um Estranho Amor*, por si só, não tiver pernas para andar, paciência, quer dizer que tu e eu nos enganámos; mas se tiver, as pernas levá-lo-ão até onde forem capazes de ir, e só teremos de agradecer às leitoras e aos leitores a paciência com que as ajudaram a caminhar.

Afinal, não é verdade que as promoções ficam caras? Eu serei a autora menos dispendiosa da editora. Até a minha presença vos pouparei.

Um forte abraço,

Elena

NOTA

Carta de 21 de setembro de 1991

2. *As costureiras das mães*

Cara Sandra,

Esta história do prémio está a perturbar-me muito. Devo dizer-te que aquilo que me faz mais confusão não é o meu livro ter sido premiado, mas o prémio ter o nome de Elsa Morante. A fim de escrever algumas linhas de agradecimento, que fossem acima de tudo uma respeitosa homenagem a uma escritora que muito amei, pus-me à procura, nos livros dela, de passagens adequadas à circunstância. Descobri que a ansiedade nos prega partidas desagradáveis. Folheei, folheei, e não encontrei uma única palavra que servisse para aquilo que pretendo, quando na realidade me recordava nitidamente de muitas. Será necessário refletir sobre como e quando é que as palavras fogem dos livros, e os livros acabam por parecer túmulos vazios.

O que foi que me impediu de ver, neste caso? Procurava uma passagem claramente feminina sobre a figura materna, mas as vozes narradoras masculinas inventadas por Elsa Morante toldaram-me a vista. Sabia bem que essas passagens existiam, todavia, para encontrá-las teria de me inserir de novo na impressão causada pela primeira leitura, quando fora capaz de sentir as vozes masculinas como um disfarce de vozes e sentimentos femininos. Porém, para conseguir algo desse género, a pior coisa que se pode fazer é ler com a pressa de encontrar um passo para citar. Os livros são organismos complexos, as linhas que nos perturbaram profundamente constituem o momento mais intenso de um terramoto nosso, de

leitores, que o texto iniciou desde as primeiras páginas; ou se encontra logo a falha geológica, e nos tornamos a própria falha, ou então já não encontramos as palavras que nos pareceram escritas para nós, e, se as encontrarmos, parecem-nos banais, não mais do que um lugar-comum.

Por fim recorri à citação que conhecem, queria usá-la como epígrafe em *Um Estranho Amor*; mas é difícil de usar, porque ao lê-la hoje parece, justamente, óbvia, nada mais que uma passagem irônica sobre a desmaterialização do corpo da mãe por ação do macho meridional. Por isso, caso vos pareça necessário citar aquele passo para tornar mais compreensível a leitura do meu texto de agradecimento, transcrevo abaixo a página por inteiro. Elsa Morante resume livremente aquilo que a sua personagem, Giuditta, dirá ao filho, comentando os modos de siciliano que o rapaz usou para marcar o fim, depois de uma feia humilhação, da experiência teatral da mãe, e o regresso dela a uma aparência menos perturbante.

Giuditta agarrou-lhe uma mão e cobriu-a de beijos. Naquele momento (disse-lhe em seguida), ele tivera precisamente uma atitude de siciliano, daqueles sicilianos severos, honrados, sempre atentos às suas irmãs, para que não saiam sozinhas à noite, para que não alimentem esperanças aos apaixonados, para que não usem *bâton*! E, para os quais, mãe significa duas coisas: velha e santa. A cor apropriada para as roupas das mães é o preto, ou, quando muito, o cinzento e o castanho. Os seus vestidos são informes, pois ninguém, a começar pelas costureiras das mães, vai pensar que uma mãe tem um corpo de mulher. Quantos anos têm é um mistério sem importância, uma vez que a sua única idade é a velhice. Essa velhice informe tem olhos santos que choram, não por si mas pelos filhos; tem lábios santos que recitam orações, não por si mas pelos filhos. E aí daquele que pronuncie em vão, diante desses filhos, o santo nome das suas mães! Ai dele! É uma ofensa mortal!

Recomendo-vos que leiam este trecho sem ênfases, em voz normal, sem tentarem fazer os tons declamativos dos maus atores. Aquele que o ler deverá apenas sublinhar, ligeiramente, *informes, costureiras das mães, corpo de mulher, mistério sem importância*.

E aqui vai também a minha carta para o júri do prémio, espero que se perceba que as palavras de Elsa Morante não estão de modo nenhum gastas.

Peço-vos uma vez mais desculpa pelas maçadas que vos dou.

Elena

Caro presidente, caros jurados,

De Elsa Morante, cujos livros muito amo, tenho muitas palavras na cabeça. Antes de vos escrever fui procurar algumas, para nelas me apoiar e delas retirar consistência. Nos lugares onde me recordava que elas estavam, encontrei muito poucas. Muitas delas tinham-se escondido. Outras, embora não estivesse à procura delas, ao folhear os livros reconheci-as, e seduziram-me mais do que aquelas que procurava. As palavras fazem viagens imprevisíveis na cabeça de quem as lê. Entre outras, procurava palavras sobre a figura materna, tão central na obra de Morante, e fiz uma busca em *Menzogna e sortilegio*, *A Ilha de Arturo*, *La storia* e *Aracoeli*. Por fim encontrei algumas em *Lo scialle andaluso*, ao fim e ao cabo talvez aquelas que eu procurava.

Os senhores certamente conhecem-nas melhor do que eu, é escusado que vo-las transcreva. Dizem como é que os filhos imaginam as mães: num estado de eterna velhice, com olhos santos, com lábios santos, vestidas de preto ou de cinzento ou, no máximo, de castanho. A princípio, a autora fala de filhos determinados: «aqueles sicilianos severos, honrados, sempre atentos às suas irmãs». Mas, poucas frases depois, põe de parte a Sicília e passa — parece-me — a uma imagem materna menos local. Isso acontece com o aparecimento do adjetivo *informe*. Os vestidos das mães são *informes*, e a idade única que têm, a velhice, também é *informe*, «visto que», escreve Elsa Morante, «ninguém, a começar pelas costureiras das mães, vai pensar que uma mãe tem um corpo de mulher».

Parece-me muito significativo esse «ninguém vai pensar». Quer dizer que o *informe* é tão poderoso, ao condicionar a palavra «mãe», que o pensamento de filhos e filhas, quando imagina o corpo para o qual essa palavra devia remeter, não consegue atribuir-lhe as formas